
SESSÕES DO PLENÁRIO

11ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 24 de abril de 2009.

PRESIDENTE: DEP. ÁLVARO GOMES AD HOC

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta esta sessão especial, proposta por mim, em comemoração dos 90 anos de fundação do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia.

Convido para compor a Mesa o deputado federal pelo PCdoB o companheiro Daniel Almeida (palmas); o representante do Secretário do Trabalho, Emprego e Renda, Nilton Vasconcelos, o coordenador de microcrédito José Wellington Mendes; o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, Sílvio Pinheiro (palmas); o secretário-geral da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil e também diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, Pascoal Carneiro (palmas); o presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, sessão Bahia, Adilson Araújo (palmas); a diretora do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, Claudenice Figueiredo (palmas); a diretora do Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari, Sandra Regina Figueiredo (palmas); a representante da UBM-União Brasileira de Mulheres, Dalva Leite (palmas); o superintendente de Recursos Humanos da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, José Carlos Sodré, ex-vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos (palmas); o coordenador Regional do Instituto Jurídico Opinio Iuris, Sr. Hugo Leonardo Evangelista (palmas).

Gostaria de informar a todos que esta sessão especial está sendo transmitida ao vivo pela *TV Assembleia* e pode ser acessada também via internet, ao vivo, em qualquer lugar do mundo.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Inicialmente, como proponente da presente sessão especial, farei meu pronunciamento.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Queria, mais uma vez aqui, saudar o deputado federal pelo PCdoB, nosso companheiro Daniel Almeida, também operário têxtil, sempre presente às lutas operárias; o representante do secretário Nilton Vasconcelos, Wellington Mendes; o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, companheiro Sílvio Pinheiro; o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Pascoal Carneiro, hoje na direção nacional da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil; o presidente da CPB Bahia, nosso camarada Adilson Araújo; e, como não poderia deixar de ter aqui, a representante das mulheres operárias metalúrgicas, Claudenice Figueiredo, que é diretora do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia; e a diretora do Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari, Sandra Regina Figueiredo; a

representante da União Brasileira de Mulheres, Dalva Leite; e o nosso companheiro metalúrgico Carlos Sodré, também metalúrgico e vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia; Hugo Leonardo, do Instituto Opinião Jurídica. Saúdo todos os presentes neste dia importante, nesta sessão especial em comemoração aos 90 anos do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia.

Não gosto muito de fazer o discurso lido, mas peguei um roteiro. Quase 100% dos meus discursos são improvisados, mas vou aqui seguir um pouco um roteiro para ser mais objetivo e tentar ganhar tempo.

É importante ressaltar que (lê) “Nas primeiras décadas do século XX, o processo industrial na Bahia ainda engatinhava. Basicamente a economia era agrícola, com destaque para indústria de alimentos e têxtil. Foi nesse cenário, de poucas empresas e precária organização sindical, que um grupo de funileiros, latoeiros, mecânicos e trabalhadores de outros setores fundou, em 30 de abril de 1919, a Associação União dos Artífices Metalúrgicos. O primeiro presidente foi José Diogo dos Santos. Era o começo de um processo de conscientização da classe trabalhadora, que, no ramo metalúrgico, ainda era incipiente.” É importante ressaltar que em 1917 foi a primeira revolução socialista do mundo, primeira experiência socialista. Então, o Sindicato dos Metalúrgicos nasce dentro desse processo revolucionário, dentro desse processo de crescimento das ideias progressistas, das ideias socialistas.

(Lê) “O Sindicato sofreu em um período marcado por transição e reorganização da política sindical, sobretudo pela ofensiva do então presidente Getúlio Vargas aos sindicatos, nos anos 30. Em 1937, com o golpe e a instalação do chamado Estado Novo, as principais lideranças sindicais são perseguidas ainda de forma mais ferrenha. Somente em 1945, começa um período de relaxamento, que propiciou o PCB (Partido Comunista do Brasil), voltar à legalidade.

No entanto, a 'paz' dura poucos anos. Em 1947, o PCB volta à ilegalidade e a caçada aos trabalhadores é retomada. O Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia sofre intervenção. José Bastos, funcionário do Ministério da Fazenda, é designado interventor. A essa altura, o Sindicato já contara com cinco mil associados, mas, na prática, o movimento operário definhava. Com Assembleias esvaziadas, pelo medo da violência policial, o Sindicato só existia formalmente. A intervenção perdurou por oito anos, terminando em dezembro de 1955.

Durante o período nefasto de intervenção, que durou de 1947 a 1955, os trabalhadores se organizaram e tiveram como grande articulador o empregado das Oficinas de Navegação Baiana, João dos Passos. Um líder que comandou a oposição ao interventor com bravura e entrou para a história do Sindicato. Ainda em 1937, João dos Passos foi preso pela primeira vez por liderar mobilizações e manifestações no movimento sindical metalúrgico. Em 1947, tenta organizar os metalúrgicos contra a intervenção. Por conta disso, é perseguido duramente. Em 1953, foi preso e torturado cruelmente na Secretaria de Segurança Pública.

A luta valeu a pena. Em 1955, a intervenção chega ao fim e a chapa única, encabeçada por João dos Passos, é eleita para alívio da categoria. Ele ficou na presidência até 1964, ano da Ditadura Militar, quando foi deposto. O Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia foi invadido, saqueado e teve boa parte da sua documentação destruída. Quem assumiu a direção da entidade foi Manoel dos Santos, nomeado pelos

militares, que serviu aos interesses do regime durante 18 anos (sempre reeleito com chapa única), em um período marcado pela censura, violência, perseguição e enfraquecimento do Sindicato.

Na eleição para o Sindicato, em 1982, a oposição se encontra dividida em dois grupos: a Oposição Metalúrgica formada por” Sodré e ex-petistas, militantes do PT de uma maneira geral e a Renovação Metalúrgica formada por militantes do PCdoB. Para ganhar, no entanto, houve a sabedoria das duas correntes que lutaram e ocorreu a unificação de duas correntes e mais os independentes formando uma chapa única.

“A chapa Oposição Sindical Metalúrgica João dos Passos, encabeçada por José Rodrigues da Costa, mais uma vez lutou na Justiça para garantir uma eleição justa e que respeitasse a democracia. Manoel dos Santos fez de tudo para evitar a derrota: colocou bandidos como mesários, tumultuou a distribuição das urnas e contou até mesmo com homens armados para se manter no cargo. Mas, não teve jeito. Ao segurar a lista dos sindicalizados, a fim de fraudar a votação, Manoel dos Santos cavou a própria cova sindical: a oposição entrou com um pedido de liminar e o interventor teve a prisão decretada por um juiz. Ainda em pleno processo eleitoral, Manoel dos Santos fugiu sem ser visto e passou, assim, a ser conhecido na categoria como o ‘pelego fujão’. A oposição venceu de forma esmagadora e decretou o fim da intervenção na entidade.”

Em 1982, portanto, assume a presidência José Rodrigues Costa, a partir daí, a oposição dirige o Sindicato dos Metalúrgicos.

Em 1985, assume a presidência Antônio Renildo Santana Souza, em 1988, (Lê) “Peri Falcan, em 1991, Roque Assunção, em 1994, Pascoal Carneiro, em 1997, Aurino Pedreira reeleito em 2000, em 2003, Ciro Rocha, em 2006, Silvio Pinheiro reeleito em 2009.

A partir de 1982, com a oposição à frente do Sindicato, começam as grandes mobilizações, que resultaram em greves históricas e marcadas pela participação maciça da categoria, como nos casos da Equipetrol e Usiba. Em 1985, a oposição disputa a eleição com chapa única, desta vez com Antônio Renildo Santana Souza como presidente, dando continuidade ao projeto classista da entidade. No ano seguinte, em 1986, estoura uma greve geral dos trabalhadores no Brasil, que teve contribuição decisiva dos metalúrgicos baianos. São tempos de assembleias cheias e concorridas, que seriam fundamentais para organizar com sabedoria as campanhas salariais e outros movimentos específicos. Em 1987, a categoria promove greve geral, parando quase 30 fábricas em todo o estado. A novidade audaciosa era que, agora, a categoria tinha acumulado forças para paralisar as atividades também nas empresas privadas, onde, até então, o movimento não era tão forte. Com apoio do Sindicato, trabalhadores da Ferbasa, Bosch e Alcan cruzaram os braços e conquistaram avanços, sobretudo com a melhora do valor do piso e do reajuste salarial. O movimento foi igualmente forte e vitorioso nas empresas estatais, principalmente na Caraíba Metais, Usiba e Sibra, além de fábricas em Feira de Santana.

Ao longo de 90 anos, o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia se tornou referência em defesa do trabalhador e importante fonte de serviços para os associados. Os sindicalizados contam com uma série de benefícios, como convênios e assessoria Jurídica. No campo de Comunicação, a categoria tem como fonte de informação o jornal O Metalúrgico, um das mais antigas publicações do movimento sindical baiano,

e o site www.metalurgicosbahia.org.br. Aos trabalhadores, também, é oferecida uma programação cultural e esportiva durante todo o ano com destaque para o campeonato de futebol que atrai dezenas de times e movimenta as fábricas. Há o tradicional forró que é um ponto de encontro e confraternização da família metalúrgica. Para os sindicatos, a integração da categoria é fundamental.

Mas, além disso e além do mais, o sindicato dos metalúrgicos é sindicato cuja direção tem uma concepção classista de solidariedade. O sindicalismo não enxerga apenas a árvore, mas a floresta e se contrapõe à lógica capitalista e luta pela construção de uma sociedade sem opressão, uma sociedade socialista.

Portanto, queremos aqui, neste momento, parabenizar o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia ao tempo em que parabenizamos todos os metalúrgicos do nosso Estado dizendo que este aniversário é muito, porque é uma história muito bonita, é uma história de lutas, vitórias e enfrentamentos de dificuldades. Mas o sindicato continua mais firme do que nunca fazendo história e o que é mais bonito, uma história classista, uma história que se contrapõe à lógica do capital, uma história em defesa dos interesses da população e da sociedade. Enfim, enfrenta uma história que busca a construção que busca do socialismo em nosso País.

Portanto, parabéns a todos os metalúrgicos da Bahia e parabéns a sua direção. Vamos continuar esta luta fazendo história e construindo uma nova sociedade.

Um grande abraços. (Muitas palmas.)

(Sem revisão do orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Existe um vídeo para ser veiculado, mas, à frente, nós vamos à veiculação.

Vamos iniciar os pronunciamentos para fazer uso da palavra o Sr. José Carlos Sodré, superintendente de recursos humanos da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e também foi diretor do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia e ex-vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia.

O Sr. JOSÉ CARLOS SODRÉ:- Bom-dia companheiros.

Eu fui pego de surpresa, porque eu recebi este convite ainda ontem e estou no olho de um furacão aí desenvolvendo um trabalho na Secretaria de Educação, pois sou superintendente de Recursos Humanos.

Queria, em nome do deputado Álvaro Gomes, cumprimentar todo mundo da Mesa aí e os companheiros de luta, companheiro Daniel Almeida que vem de uma longa história nesta caminhada em defesa dos trabalhadores. Quero cumprimentar os camaradas e as camaradas no Plenário. Quanto ao companheiro Itamar, eu tive o prazer de rememorar alguns momentos de nossa luta aí na retomada do sindicato bem reavivado na memória pelo deputado Álvaro Gomes.

Há o companheiro Hélio que foi um de nossos combatentes junto com Vitório. Também estou vendo alguns companheiros que viveram conosco esta caminhada. Tenho de dizer que foram momentos terríveis que vivemos. Mas éramos moços, éramos jovens com 24 ou 25 anos. Tem horas que quando a gente se lembra, às vezes, a gente sabe que teve momentos de loucura. Não é? E, se não fosse assim, não teríamos chegado onde chegamos.

Eu estava lembrando a Itamar que, quando chegamos a esta casa, em 1982,

tínhamos dois deputados ao nosso lado: o deputado Luiz Nova e o deputado Alcides Modesto. Contávamos com poucos progressistas que nos acompanhavam na luta, e enfrentamos isso com muita dificuldade.

À exceção da oposição metalúrgica, a unificação diante dos sectarismos com os quais convivíamos na luta política, parte dela desenvolvida na clandestinidade, não podia ser feita às claras.

Se falássemos em regime, ditadura ou qualquer palavra que fosse pronunciada em momento inadequado, em ambiente pouco agradável, poderíamos sumir, desaparecer e não aparecer mais, como muitos dos nossos que desapareceram nesse caminho da construção da democracia no Brasil.

Costa tratava por turma esse grupo que se juntou e dizia que “a turma foi para o pau”. Costa era o mais tranquilo para sustentar as posições da guerrilha de Sodré, de Roque Tarugo. Tínhamos também Ivan, Luiz Alberto, Edlauro e Benjamim, pessoas que não tinham medo de nada, não viram no dicionário a palavra medo.

A campanha e a eleição sindical aconteceu numa praça de guerra, o sindicato se transformou numa praça de batalha. Acabar com aqueles desmandos no sindicato era muito significativo na Bahia, e o movimento sindical entendeu isso, uma retomada fundamental no caminho da democracia, por isso tivemos o apoio de todos os sindicatos.

Todos os sindicatos que tinham sido retomados: o Sinergia, Bancários, Sindiquímica foram fundamentais para que essa caminhada ganhasse a eleição.

Nós enfrentamos a polícia armada de metralhadora dentro do sindicato. Lembro-me que um dia trancamos o sindicato, não entrava nem saía ninguém, sitiámos o sindicato, a polícia entrou. Eu e Ronildo estávamos sentados na escada, o coturno batendo na coluna vertebral, eu achei que fosse chutar, se chutasse eu estaria morto ou inválido. Costa queria que eu sáísse, porque o negócio podia ficar feio, para tentarmos negociar.

Saímos do sindicato pela madrugada, ninguém iria assistir ao que poderia ter acontecido naquele dia, ia acontecer dentro do sindicato que estava tomado pelas polícias militar e federal.

Por onde o sindicato andava, Manoel era a figura principal, determinada, faleceu de infarto em Cruz das Almas.

Eu e mais alguns companheiros, antes da eleição, fomos demitidos, passamos de sete a nove anos para sermos reintegrados ao trabalho. Foi um período de muita dificuldade. Todos tínhamos família, eu tinha uma filha com dois anos de idade.

Muitos foram demitidos: Wilson, Severo, Magalhães, Benjamim, Ismael foi vítima do nosso sectarismo. Havia vaga na chapa e não colocamos Ismael porque ele era do PCdoB. Ficou a chapa com uma vaga. Quer dizer, era um momento de difícil convivência, até porque o sectarismo era muito forte. Sei que depois disso terminamos construindo o sindicato.

Estava falando com Pascoal: “Pascoal, temos que construir as nossas oposições sindicais para transformar os sindicatos na Bahia. Os sindicatos precisam tomar um fôlego de vida. Estamos com problemas seríssimos atravessando isso.”

Naquela época, conseguíamos brigar dentro do sindicato e sair de mãos dadas para a luta na porta da fábrica. Só faltava trocar tapas. Aliás, não faltou não, trocamos

tapas. Lembro-me de momentos em que ameaçaram puxar armas numa disputa interna. Mas depois conseguíamos contornar tudo isso. Depois dessa guerra toda, saíamos e íamos tomar cerveja, sempre de madrugada, para poder cumprir os roteiros de distribuição e de agitação política que fazíamos durante todos os dias da semana, incansavelmente. Tínhamos 25, 26 anos de idade.

Minha filha, com três anos, um dia perguntou para a minha mulher: “Ô Delian, cadê seu merido?” Eu passava, às vezes, 15 dias sem vê-la. Quando eu chegava à noite, ela estava dormindo. De manhã, quando eu acordava, ela ainda dormia e não dava tempo de vê-la e acompanhar o seu crescimento. Eu me surpreendi com a minha entrando para o Ensino Fundamental, na 5ª série, no Colégio Salesiano de Salvador. A minha filha já estava fazendo a 5ª série e não acompanhei esse período de formação. O principal período de formação dela. Todo ele dedicado a essa luta.

Se não fosse assim, não estaríamos aqui hoje. Se não fosse assim, não teríamos construído o que construímos. (Palmas) Se não fosse assim, não teríamos eleito Jaques Wagner governador da Bahia e não teríamos feito Lula presidente do Brasil.

Foi uma luta vigorosa em 89. Lembro-me que saíamos em ônibus de Camaçari e Simões Filho para fazer as grandes jornadas da luta dos metalúrgicos. Saímos em passeata, em Salvador, para fazer aquele grande comício de Lula na Praça Municipal, em 89. Foi, para mim, um dos momentos mais bonitos que construímos em Salvador, na Bahia. Lembro-me de que só ganhamos a eleição de 2002 porque tivemos a coragem de entregar parte da nossa juventude para isso.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Ouviremos agora o presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Adilson Araújo.

O Sr. ADILSON ARAÚJO:- Bom-dia a todos e a todas.

Quero, na pessoa do deputado Álvaro Gomes, saudar todos os componentes da Mesa. Hoje, aqui, é um dia importante. Penso que ele dia deve servir para que possamos fazer uma reflexão. Eu acho que é correto e, inclusive, após ouvir o companheiro José Sodré, aproveitarmos este espaço para tirar lições da história.

Eu quero, em nome da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, parabenizar, sobretudo, o companheiro Álvaro Gomes, que tem sido uma pessoa destacada e penso até, Álvaro, que o exercício da atividade parlamentar tem servido para o conjunto da classe trabalhadora no Brasil e no mundo compreender melhor essa relação entre a luta dos trabalhadores e a luta institucional da qual V.Ex^a, em nome da classe trabalhadora, tem representado muito bem.

Eu acho que o deputado Álvaro, ao ter essa compreensão e convocar uma atividade como esta, que representa de certa maneira a história da classe trabalhadora brasileira, eu acho que ele está em sintonia com o movimento social. Falo isso porque é incontestável que a luta dos trabalhadores no Brasil tem reflexo a partir da construção de uma bipolaridade no mundo, e é verdade que o nascimento do Sindicato dos Operários se dá à luz da construção do processo de uma nova forma de sociedade, da qual, a partir das experiências realizadas na União Soviética, surgem, não só em diversos países da Europa, mas em particular no Brasil, o nascimento dos sindicatos

operários. É daí que, no fogo da luta, quando da realização de importantes greves no Brasil, e acho até que esses sindicatos são fruto dessa intervenção porque nascem do fogo de uma greve geral nacional com a qual, nos anos de 1918 e 1919, o Brasil passou por um processo de efervescência política, principalmente no movimento operário.

Noventa anos não são 90 dias e é verdade que, ao construir essa história, os sindicatos têm uma grande tradição de luta, primeiro, porque conseguiram sobreviver às ditaduras e, segundo porque foram capazes de se articular politicamente com a sociedade e fazer a luta pela redemocratização do País. Cumpriu um papel importante o Sindicato dos Metalúrgicos na luta pelas Diretas Já, na luta pelo Fora Collor, na luta pela eleição do presidente Lula.

É verdade que o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia é um sindicato que é uma referência política, não só no Brasil, mas também no mundo. É fruto do trabalho realizado por esta diretoria, e nós conseguimos retomar diversos sindicatos de trabalhadores no Brasil que até então estavam sob a direção de pessoas que não compreendiam a importância de um sindicato autônomo, independente, relacionado diretamente com o horizonte, com a perspectiva de transformação social. Eu penso que o nascimento desse sindicato se justificou e se justifica a partir da compreensão que tem essa diretoria que hoje está enraizada em todo o Estado da Bahia.

Quero, em nome da CTB, ter a oportunidade de parabenizar, neste ato, o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Candeias, na pessoa do companheiro Vitório, que aqui está presente; também os companheiros de Camaçari, do qual o presidente não se encontra aqui neste momento, mas é o companheiro Aurino que bem representa essa categoria, é o presidente atual da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos; o companheiro Natan, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Simões Filho; o companheiro Valbirajara, do Sindicato dos Metalúrgicos de Dias D'Ávila; o companheiro Caxixi, de Feira de Santana; o companheiro Nilson, de Ilhéus, e o companheiro Medeiros, de Vitória da Conquista. Ter todos esses sindicatos aqui é uma satisfação muito grande, porque eles compõem um time de um tipo de sindicalismo nascido da luta mais recente. Essa luta reflete as mudanças políticas significativas ocorrida no conjunto de países importantes da América Latina, especialmente no Brasil, a partir do voto. Diante dessa conformação política do sindicalismo no mundo e no nosso País, temos uma participação destacada.

O nascimento da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil não seria possível se não tivéssemos na linha de frente companheiros destacados da luta dos trabalhadores operários do Brasil, a exemplo dos companheiros Pascoal Carneiro, Hélio e tantos outros que aqui estão. Considero esta atividade realizada hoje um ato muito familiar, porque aqui se encontram dirigentes destacados da luta social, associações de moradores, companheiros da FABS, que compreendem a importância desse elo de interlocução, que sabem da necessidade de um sindicalismo que extrapola as barreiras da luta operária do Polo Petroquímico, seja na Ford, na Novelis ou na Alcan.

Penso que a sintonia fina está mantida! Temos de compreender, sobretudo, que essa referência aos 90 anos de vida, de luta, de existência dos sindicatos deve servir como uma referência política para que possamos tirar lições dessa linda história.

História essa articulada, sobretudo, com o movimento social e os anseios da

classe trabalhadora, que permite, de certa forma, construir as condições objetivas para que o sindicato seja fortalecido cada vez mais e tenha a obrigação, o dever moral de empreender lutas que propiciem não só o ganho econômico e a conquista social, mas que também permita fazer com que os trabalhadores tenham um horizonte, uma perspectiva de mudança.

Certamente, no governo Luta alcançamos muitas conquistas, mas acreditamos que o sindicato deve cumprir o seu papel na conscientização da classe trabalhadora para a construção de um Brasil e um mundo melhores.

Obrigado a todos. Bom-dia. Viva o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Registro as seguintes presenças: José Américo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Feira de Santana; Luís Vitório, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Candeias; Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari, de Simões Filho e de Dias D'ávila; Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe; União da Juventude Socialista; Sindvigilantes; Unegro; Federação dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica.

Convido para fazer uso da palavra o Sr. Pascoal Carneiro, diretor nacional da CTB e diretor do Sindicato dos Metalúrgicos. (Palmas)

O Sr. PASCOAL CARNEIRO:- Bom-dia a todas e a todos. Na pessoa do deputado Álvaro Gomes, quero saudar toda a Mesa.

Acredito que esta sessão tem uma importância grande, porque resgatamos toda a história, a tradição. Devemos essa história construída pelos metalúrgicos a todos que batalharam, lutaram, que eram sócios do sindicato na época e deixaram de conviver com os seus familiares, como bem disse Sodré, para estarem na luta. Daquela chapa que fizemos em 1982, temos três remanescentes daquela diretoria...

Meu companheiro Itamar, que está sentado ali, hoje está lutando na área empresarial, batalhando com uma pequena empresa, mas sem abrir mão dos seus ideais, que nortearam a participação na luta, e da retomada do sindicato; o companheiro José Carlos Sodré, que fez a declaração aqui sobre essa história, e eu. Somos nós três, o Hélio veio na segunda gestão, começou a militar conosco na primeira gestão e, na segunda, entrou no sindicato, assim como outros companheiros.

Nós temos também de dizer o seguinte: a partir da construção da nossa vitória, contamos até hoje com o apoio integral dos funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos, que estão aqui em sua grande maioria, mostrando o respeito, a vontade e a capacidade que têm de deixar o sindicato organizado para que a diretoria possa fazer atividade política.

Portanto, queria parabenizar, acima de tudo, nossos funcionários dos sindicatos, que são colaboradores nessa longa jornada de luta aqui na categoria metalúrgica. E parabenizar também, acho que merece nosso apoio e toda nossa boa vontade, a Associação dos Aposentados Metalúrgicos. São companheiros que se aposentaram, mas que não abandonaram a trincheira de luta, estão ali buscando organizar, na melhor idade, para termos dias melhores, e junto conosco nas batalhas que procuramos fazer.

Portanto, esse sindicato se confunde com a história da luta do povo brasileiro.

Se a gente for sintetizar o que José Carlos Sodré e Adílson, presidente da CTB falaram aqui, mostra que esse sindicato se confunde com a história do povo e ajuda em todos os momentos da democracia. Portanto, ele é um pilar na sociedade, na luta pela democracia, porque nós entendemos que a democracia é fundamental para a esquerda crescer. Em época de ditadura, abre espaço para o fascismo, mas em época de democracia abre espaço para crescerem ideias progressistas. Quem trabalha com justiça na sociedade. É isso que essa diretoria tentou, tenta e busca fazer o tempo todo.

Não era à toa que, na diretoria, quando nos reuníamos, no primeiro mandato, saíamos no tapa, como José Carlos falou. Eu saí no tapa com um companheiro, uma vez chegamos às vias de fato, de trocar tapa dentro da sede do sindicato e fomos separados pelo resto da diretoria. Mas, no dia seguinte, estávamos na porta da Caraíba fazendo assembleia, parando ônibus juntos, na batalha, na luta, nos unindo contra o capital. Não havia diferença quando chegávamos na porta da empresa.

Portanto, concordo com José Carlos Sodré. É necessário que o sindicato tenha oposição para não se acomodar, para fazer trabalho de base, porque é no chão da fábrica, no interior da empresa que está a contradição entre o capital e o trabalho. Essa contradição não está dentro do sindicato. Por mais divergência que tenha dentro do sindicato, a gente tem que se unir para enfrentar o empresariado, em todos os momentos possíveis, para ajudá-lo a sair de uma crise como estamos neste momento, para buscar melhores condições de salário e melhores condições de trabalho.

Então, acho que esse sindicato teve essa luta. Os ideais comunistas que nortearam o mundo, em 1917, permeou também, em 1919, com a fundação da associação aqui na Bahia para se transformar em sindicato. A reunião foi embaixo de uma árvore com aqueles operários para fundar essa associação.

Esse sindicato lutou contra a ditadura Vargas, com intervenção. Em 64, a intervenção no sindicato não só foi dentro do sindicato como o seu presidente saiu preso da sua sala, dentro do sindicato, ali no Largo do Retiro. Esse companheiro, João dos Passos, foi preso, torturado e ficou com sequelas gravíssimas, ficou cego. Ele foi peça fundamental na retomada do sindicato. João dos Passos, mesmo cego e debilitado fisicamente, foi para a porta de fábrica conosco fazer campanha para derrubar o pelego. E depois que nós tomamos posse, João dos Passos não saía do sindicato um dia, todos os dias ele ia ao sindicato. Tinham que pegá-lo em casa dele, trazê-lo para o sindicato e à noite levá-lo de volta, isso até a sua morte, o seu último dia de vida. Ele morreu lutando por essa categoria, portanto, é um dos companheiros que merecem nossos elogios.

Na luta pela eleição do presidente da República, desde o primeiro momento em que o Lula se candidatou, não tivemos dúvidas, no sindicato, como o Zé Carlos disse, não houve divergência que não nos levasse a não apoiar Lula. Toda a direção do sindicato, todos nós estávamos unidos em torno da eleição do presidente Lula, que, desde o primeiro momento que foi candidato, esse sindicato apoiou, porque, tinha certeza, consciência, e sabia, de que ali era importante para avançar na democracia, assim como fizemos também na eleição de Wagner, a quem a diretoria do sindicato apoiou e para quem ela fez campanha.

Agora, por outro lado, esse sindicato não abre mão do seu princípio de defesa da categoria. Apoiar candidato a presidente, a governador, mas não confunde o papel do

Estado com o papel da classe. Isso é fundamental para qualquer sindicato, e este sabe fazer bem isso, porque os interesses da classe estão acima de qualquer coisa.

O governante dirige para todos, mas o sindicato dirige para a classe que representa. Esse é o papel dele. A luta do sindicato deve ser para elevar o papel, a consciência da classe e deixar de ser classe si e passar a ser classe para si. Nesse sentido, esse sindicato tem buscado fazer isso e a amostra disso é o crescimento que tem tido nossa categoria.

A Força Sindical, quando a Ford veio para a Bahia – e, diga-se de passagem, esse sindicato teve um papel fundamental no crescimento da indústria na Bahia, porque não mediu esforços para buscar novos empreendimentos para o Estado –, tentou a Bahia, tentou trazer a Renault, mas não a trouxe porque o governo de ACM não topou, porque vinha pelas mãos do sindicato. E quando a Ford veio para a Bahia, o sindicato apoiou a vinda dela, por saber que uma indústria também traz crescimento para o Estado.

Mas, quando da vinda da Ford para a Bahia, houve um acordo entre o governo do Estado, na época ACM, a Federação das Indústrias da Bahia e os empresários, para trazer, junto com a Ford, a Força Sindical para retirar o Sindicato dos Trabalhadores da Bahia da base de Camaçari. Esse sindicato não teve dúvida, comprou a briga, “foi para o pau” com a Ford, fez assembleias para criar sindicato, uma greve vitoriosa na porta da Ford, enfrentou polícia, saiu sangue, sangrou no portão da empresa, mas a luta foi vitoriosa, e não podemos esquecer disso. Hoje está aí o resultado: o sindicato organizado em Camaçari. A luta desse sindicato é importante para a Bahia, para o Brasil e para todos os operários.

Queria parabenizar todos vocês que aqui estão, que compõem a diretoria dos sindicatos de Salvador, Dias D’ávila, Camaçari, Candeias, Simões Filho, Ilhéus, Vitória da Conquista e de Feira de Santana, que foi fundado logo depois da retomada do sindicato em Salvador, pelo esforço, pelo empenho e pela luta e dizer aos jovens que estão chegando agora, estão tomando posse em Salvador, em Camaçari, na Federação, que essa luta e essa história não podem ser esquecidas, têm que continuar a passos largos para ganhar, cada vez mais, o espaço na sociedade e melhores condições de vida para todos.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Bom, antes de conceder a palavra ao próximo orador, vamos assistir, agora, a um vídeo elaborado pelo Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia e, depois, ouviremos o próximo orador, Hugo Leonardo.

(Apresentação de vídeo.)

Vídeo: História do Sindicato dos Metalúrgicos.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Depois do vídeo vamos ouvir o próximo orador Hugo Leonardo do Instituto Jurídico Opinio Iuris.

Queremos anunciar a presença de Roque Assunção que é o primeiro vice-presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos e também foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia.

O Sr. HUGO LEONARDO:- Bom dia a todos.

Na pessoa do deputado Álvaro Gomes, eu cumprimento a Mesa e a todos os

trabalhadores e trabalhadoras aqui presentes.

Inicialmente, eu estava pretendendo fazer e vou fazer um discurso minissaia, isto é, curto e atraente, mas acho que será apenas curto.

Mas, Álvaro, eu queria primeiro registrar a importância do seu mandato para os trabalhadores e trabalhadoras da Bahia e rapidamente dizer que é com grande orgulho vejo V.Ex^a nesta tribuna e me recordo quando, aos 17 anos, eu o encontrei em Alagoinhas, cerca de 8 ou 9 horas da noite depois de uma agitação no banco da praça, não sei se aguardando algum transporte.

Vejo a sua trajetória como política que não é de paraquedas, oportunista, mas uma trajetória justa aos trabalhadores, inclusive aos que estão aqui. Eu quero que todos aplaudam com muita força este deputado que é uma conquista dos trabalhadores da Bahia.

Eu fico ainda mais orgulhoso quando venho a esta Casa, algumas vezes, e ouço de alguns assessores, com toda sinceridade, Álvaro Gomes é o melhor deputado da nossa Assembleia hoje, por causa da força de suas intervenções, a sinceridade, o acerto das suas falas. E é sempre uma opinião acertada que ele tem ao defender os trabalhadores num governo popular, sem se furtar de fazer as críticas que precisa fazer. Eu deixo, aqui, meus parabéns a você.

E nessa trajetória de honrar aqueles que estiveram entre nós, quero dizer que pessoas como Álvaro me inspiraram na vida estudantil. Quando Álvaro esteve em Alagoinhas eu era presidente da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Alagoinhas, cidade onde refundamos a entidade.

E eu não posso me esquecer de falar aqui, também, da importância da supremacia intelectual, da força que unificou a todos que estavam no movimento social. E não pode deixar de ser lembrado nessa solenidade o deputado Haroldo Lima, que, tenho certeza, inspirou a todos vocês da mesma forma que me inspirou. Haroldo várias vezes foi apontado pelo DIEESE como um dos cinco deputados mais influentes do Congresso Nacional. Ele foi uma figura que despontou na minha história de vida e que eu não posso me esquecer. Eu gostaria de render, também, essa homenagem a Haroldo Lima.

O operariado, muito rapidamente falando, no que toca ao *Opinio Iuris*, todos sabem, foi quem forcejou, foi quem se projetou nas lutas sociais e fez trazer a criação da Justiça do Trabalho, muitas vezes ameaçada pelo projeto neoliberal.

Essa Justiça do Trabalho, e isso foi bem historiado aqui pelo companheiro Adilson, já teria sido atacada de forma muito veemente se não fosse a eleição do presidente Lula. Nós teríamos tido, naturalmente, a reforma trabalhista no governo Serra e outros governos. Essa ameaça do capital é constante. Volta e meia um ou outro ainda cobra que o Brasil ainda não fez essa reforma. E eu acho que a luta dos trabalhadores é para que não haja uma reforma espúria, uma reforma que venha a dilapidar os direitos conquistados à custa de sangue, à custa da vida de tantos trabalhadores, como foi aqui relatado, na história do nosso País.

Essa ameaça ainda pode pairar sobre nossas cabeças, ainda mais com esse tipo de crise, demonstrando que o capitalismo não se sustenta nas pernas. Crises vão, crises vêm, e virão outras crises, e a gente sabe disso. E o operariado tem que estar atento, não só para a sua luta economicista, não só para uma luta economicista, classista e de salários, mas por um projeto de sociedade que se quer. Foi isso que nos trouxe até aqui:

uma sociedade melhor, a construção de uma sociedade melhor.

Então, vejam que a participação do operariado, a luta do operariado primeiro traz uma segunda geração de direitos, que é a dos trabalhadores, a Justiça do Trabalho, segue influenciando os outros segmentos da sociedade e traz uma terceira geração de direitos, que são os direitos difusos, transindividuais e os direitos do consumidor.

Essa participação dos senhores, essa participação do proletariado, e o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia teve uma participação efetiva e incontestada, continua melhorando cada vez mais a sociedade, buscando mais direitos e trazendo, inclusive, o retorno da democracia. Pois o retorno da democracia é essa nova geração de direitos no Brasil.

Desse viés, desse rumo nós não podemos nos furtar. O que nós queremos com a nossa luta não é apenas o pão de cada dia, mas a garantia do pão e de um futuro melhor para toda a humanidade, para todas as pessoas, e netos, bisnetos, tataranetos.

Nós estamos aqui como responsáveis por um mundo melhor. E a luta dos trabalhadores metalúrgicos não deixou de ser a luta por um mundo melhor. E se hoje se respira melhor isso se deve à luta de todos os trabalhadores, inclusive vocês.

Nesse sentido, o Opinio Iuris, esse instituto que é forjado neste nosso meio, esses advogados do partido, o PCdoB, tem que apontar... Inclusive, eu queria falar aqui da pessoa de Jéferson Braga, coordenador do Opinio Iuris nacional – ele aqui não está, mas deixa um abraço para todos. Nós não podemos nos esquecer dessa geração de direitos e desse rumo que a gente aponta e vai desaguar na construção de leis que vão garantir melhores direitos.

Mas isso não se iniciou hoje. Há mais de 2 mil anos nós tivemos isso na Roma antiga, nós tivemos a revolta de Spartacus, revolta do mundo das pessoas que trabalham. Trabalho, no passado, era sinônimo de tortura, sempre foi sinônimo de tortura, vem do latim *tripalium*, que é torturar sob três paus, em italiano, *tripagliare*. Então, trabalhar sempre foi sinônimo de tortura, um peso, um fardo. Na Bíblia, se diz que foi o castigo que foi dado ao homem.

Nesse sentido, o trabalho tem que proporcionar e recompensar as pessoas com o seu produto, com uma qualidade de vida melhor para todos. Eu quero apenas, para render uma homenagem maior a vocês, já que se falou aqui de Bertold Brecht, nós o vimos no vídeo, eu prefiro me lembrar de Lenin, que disse: “Não precisamos de homens que dediquem à revolução as tardes livres, mas toda a sua vida”. É isso que os senhores estão fazendo. Parabéns.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para fazer o seu pronunciamento Dalva Leite, representando a União Brasileira de Mulheres.

A Sr^a DALVA LEITE:- Bom-dia aos companheiros e companheiras, eu gostaria de iniciar fazendo uma correção com relação à apresentação. Hoje, não faço mais parte da coordenação da UBM. Milito, fui fundadora da UBM aqui na Bahia, coordenei a UBM durante 10 anos e, por força de outras tarefas, ela hoje é coordenada, dirigida por outras companheiras também combativas, de luta e que dão seguimento à luta das mulheres aqui na Bahia e no Brasil, porque a UBM se organiza em nível nacional.

Aqui, represento também a CTB, como vice-presidente da seção Bahia, e na nacional, a Secretaria de Combate ao Racismo e também sou da direção do Sindicato dos Comerciários de Salvador.

Gostaria de iniciar saudando a pessoa do deputado Álvaro Gomes, parabenizá-lo pela iniciativa, ele tem sido um deputado atuante, muito presente na vida dos trabalhadores, não só aqui da Bahia, mas é um referencial de luta política no Brasil e através dele quero fazer uma saudação especial à Mesa e parabenizá-lo pelo resgate histórico que ele fez da origem e da luta dos metalúrgicos ao longo desses 90 anos.

É obvio que nós trabalhadoras e trabalhadores que continuamos nessa luta em defesa da classe operária, em defesa da soberania nacional, também fazemos parte da história de todos os sindicatos que surgem, como também dos movimentos sociais. O Sindicato dos Metalúrgicos, não só é um sindicato combativo e de luta, como também um referencial de luta política, como já foi dito. O nosso papel, do ponto de vista de classe, é dar todo apoio, garantir que o Sindicato dos Metalúrgicos continue se consolidando, como já tem-se consolidado nos municípios baianos que já foram já abordados aqui por companheiros que me antecederam, mas também tem dado apoio a toda essa nossa luta política.

Recordo aqui quando começamos a organizar uma luta no setor comerciário, que foi uma grande greve que ocorreu em 1987, dos comerciários, no setor de supermercados. Lembro que o companheiro Hélio estava presente nos apoiando, o companheiro Pascoal e outros e outros companheiros. Não vou relembrar aqui o nome de todos para não deixar uma falha e não ter o negócio da ciúmeira.

Enfim, companheiros e companheiras, o que eu gostaria de deixar para vocês, como representante também do movimento sindical, é que continuem aproveitando tudo isso que o movimento sindical, através de sindicatos como o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, pode nos proporcionar. O Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia é referência do ponto de vista da formação política dos seus dirigentes e da sua base, então, tem tido esse cuidado de estar formando para elevar o nível de consciência política de todos os trabalhadores e trabalhadoras do Brasil na categoria dos metalúrgicos, contribuindo para formar outros quadros e outras lideranças do movimento político, social e sindical. O Sindicato dos Metalúrgicos, apesar da sua formação, digamos, majoritariamente composta por homens, foi um dos primeiros a trazer mulheres para sua direção. Teve essa abertura. Lembro-me de companheiras que estiveram na direção do sindicato na década de 80, como Rainalda e outras que passaram pela direção.

O Sindicato dos Metalúrgicos também é um referencial de apoio à luta política do ponto de vista social. Trabalha o combate ao racismo, milita no movimento de mulheres, enfim, busca a evolução da sociedade, fazendo parte da coordenação dos movimentos sociais.

Então, companheiros, uma entidade como esta não trava apenas uma luta economicista contra o capital; ela contribui definitivamente para a evolução da classe trabalhadora e da nossa sociedade. É uma trincheira e um referencial de luta política para todos nós.

Ao parabenizar o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, quero dizer que, assim como todos os sindicatos que hoje atuam no em defesa dos trabalhadores, da classe

operária e de uma sociedade mais livre e igualitária, ele também irá nos servir para essa transformação.

Tivemos, recentemente, eleições no Sindicato dos Metalúrgicos, quando conheci grandes mulheres, lideranças que hoje fazem parte da direção. Tenho certeza de que elas continuarão sendo esse referencial de luta política, atraindo outras mulheres para dar continuidade a essa luta que vem sendo travado ao longo dos anos.

Parabéns ao Sindicato dos Metalúrgicos e aos companheiros e companheiras que o compõem e contribuíram para a construção e consolidação dessa luta política contra o capital e em defesa dos trabalhadores e de um País livre e soberano.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra Claudenice Figueiredo, diretora do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia. Agora é a vez das mulheres.

A Sr^a CLAUDENICE FIGUEIREDO:- Bom-dia a todos os presentes. Para mim é uma grande honra estar aqui. Creio que não somente para mim, como também para cada um de vocês, pois o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia tem uma história bonita, sofrida, com muita força, muita luta, garra e determinação.

Toda essa história vivida nestes 90 anos precisa continuar. Ouvimos depoimentos muito bonitos de José Sodré, de Pascoal Carneiro, entre outros, que nos emocionaram. Isso não pode parar aqui! Essa determinação, essa luta e essa garra que fazem parte do Sindicato dos Metalúrgicos estão dentro de cada um de nós. Precisamos prosseguir cada vez mais fortes para fazer valer os 90 anos passados. E que venham mais 90!

Não tenho muito o que falar porque estou iniciando, mas quero ressaltar mais uma vez que me sinto honrada. Agradeço e parabenizo todos os presentes, especialmente o Sindicato dos Metalúrgicos. (Palmas)

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra Sílvia Pinheiro, atual presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia. (Palmas) Sílvia foi reeleita, é o seu segundo mandato.

O Sr. SÍLVIO PINHEIRO:- Bom-dia.

Queria começar agradecendo ao deputado Álvaro Gomes pela oportunidade desta sessão especial dos metalúrgicos, marcando este dia, também especial para nós. Há pouco, Dalva falou sobre a representação feminina nos sindicatos. É muito bom quando se vê que o quadro nas indústrias começa a mudar e a dar oportunidades iguais às mulheres. É incessante luta diante dos trabalhadores, inclusive os trabalhadores metalúrgicos. Vivemos uma época de crise e precisamos de pessoas como o deputado Álvaro Gomes, como o deputado Daniel Almeida que nos representem e falem por nós.

Os 90 anos do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, comemorado dia 30, não marcam somente uma data significativa. É uma oportunidade especial de celebrar a história de toda a categoria metalúrgica e referendá-la junto à sociedade. Pois é justamente essa trajetória, corajosa e determinada, que fez florescer e dinamizar a luta por melhores condições nas fábricas instaladas há décadas e também dentro dos novos

polos industriais.

O Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia chega aos 90 anos com a certeza de que a categoria contribuiu profundamente para o desenvolvimento do Estado, tanto no aspecto econômico como no político, e de que tem ajudado muito essa sociedade a se desenvolver melhor através das lutas da classe operária.

Nos 90 anos do Sindicato também é preciso recordar aqui a importância dessa categoria permanecer unida com a política – mesmo com toda a necessidade de se criar novos sindicatos de base – em torno de um sindicato só. Para o Sinbahia, para o Sincamaçari, para o Sinfeira não existe divisão, podem existir pensamentos diferentes, mas somos um só sindicato. Por isso quando as pessoas me perguntam: a que sindicato você pertence? Eu digo: sou metalúrgico da Bahia. Sou metalúrgico da Bahia, seja ele representado em qualquer sindicato, em qualquer base que esteja.

Quero aqui, com estas palavras justificar a ausência do presidente do Sindicato de Camaçari, o presidente da Federação dos Metalúrgicos Aurino Pedreira, do presidente do Sindicato de Dias D'Ávila, Ubirajara, - ele, Nivaldo e o presidente eleito agora da Federação, Balbino, estão em São Paulo discutindo aspectos da crise econômica, por isso não estão aqui.

Como a história se reescreve a cada dia, nós, metalúrgicos da Bahia, continuaremos a trilhar o caminho das grandes mobilizações, da defesa incessante dos direitos da categoria.

Quero agradecer e parabenizar a todos e a todas que fizeram com que esta luta chegasse até hoje, e é necessário que ela continue. Então parabéns a todos os metalúrgicos da Bahia, a todos os operários, dos primeiros sindicalizados aos demais trabalhadores metalúrgicos até os dias de hoje, em qualquer região do Estado onde estejam, estamos todos hoje de parabéns.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Ouviremos agora o deputado federal Daniel Almeida, líder do PCdoB na Câmara dos Deputados e também operário têxtil que tem participado, desde há muito tempo, das lutas operárias e desse processo de conquista dos trabalhadores.

O Sr. DANIEL ALMEIDA:- Quero cumprimentar o presidente desta sessão especial, deputado Álvaro Gomes, pela iniciativa de sugerir a realização deste evento, a oportunidade de resgatarmos, meu caro Sodré, meu caro Pascoal, Dalva, companheiro Sílvio, meus companheiros metalúrgicos de outras categorias que se encontram aqui, essa história de 90 anos de lutas e vitórias e o significado que tem, meu companheiro Álvaro, você que é um trabalhador, um sindicalista, um homem do povo, um homem de visão, de defesa dos mais nobres interesses do povo brasileiro, dos trabalhadores, de sentir-se feliz pela iniciativa de realizar este evento, porque é muito raro nós dedicarmos a reconhecer, dar o devido valor a nossa trajetória, às lutas que as elites tradicionais não querem reconhecer, não querem contar. E o Sodré pôde expressar aqui, com emoção e com simplicidade, o significado desse momento histórico que nós estamos vivendo e a participação dos trabalhadores, da luta social de muitos de nós que tivemos a oportunidade de sermos contemporâneos, agentes, atores

desse processo, meu companheiro Itamar.

A história, os historiadores, aqueles que não acreditam na luta do povo tentam esconder isso. Em momentos como este, uma sessão como esta permite fazer este resgate. É verdade aquilo que foi dito por Sodré: nós estamos aqui hoje consolidando um processo democrático no Brasil graças a muitas batalhas e lutas. Foram muitos os que se sacrificaram, e tem sido assim a história do nosso povo. É assim a história do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, de José Diogo dos Santos a Sílvia Pinheiro. Cada um jogando seu papel, cumprindo a sua missão, passando por João dos Passos, que tive a felicidade de conhecer e testemunhar a sua serenidade, mas a sua firmeza, a sua vibração. Até o último dia nós encontrávamos João dos Passos ali no batente, lutando, acreditando nos trabalhadores, acreditando na luta, acreditando no Brasil, acreditando no povo brasileiro, estimulando, incentivando os companheiros a estarem na luta.

Eu tive a felicidade Sodré, de participar da batalha que retomou o Sindicato dos Metalúrgicos, a posse dos metalúrgicos ali, na Associação dos Servidores Públicos ou melhor, na Associação Comercial, na Avenida Sete. Tive a oportunidade de participar ali, eu fazia parte de uma oposição sindical, a oposição sindical dos trabalhadores têxteis. Nós já tínhamos, naquela oportunidade, recuperado o Sindicato dos Eletricitários, o Sindicato dos Bancários, já tínhamos a reorganização dos petroquímicos que se constituíam em sindicato um pouco antes desse processo, mas a posse do Sindicato dos Metalúrgicos foi uma coisa muito simbólica: ali foi a entrada dos operários, da luta, de que era possível romper aquelas estruturas tradicionais, derrubar Manoel dos Santos era um desafio que muitos achavam impossível e que, naquele momento, naquela posse, na unidade das forças políticas que compunham a trajetória de resistência da categoria metalúrgica, se fez elegendo o companheiro Costa para presidir o sindicato. Ali tivemos certeza de que era possível ir adiante e que ali estava a luta dos trabalhadores absolutamente conectada com a luta de resistência do povo brasileiro contra a ditadura militar – enfrentar enfrentar as baionetas, as botas da repressão –, e sabíamos que esse era o confronto principal. Temos que reconhecer que essa resistência foi feita por muitos movimentos sociais da intelectualidade, da nossa juventude, das mulheres, dos negros, etc, mas o ninho que foi construído para o que somos hoje, para essa alternativa que o povo brasileiro construiu e está experimentando com a eleição de Lula teve a participação decisiva do movimento sindical. Foi na luta sindical nas portas das fábricas nas grandes assembleias, na resistência e na combinação das lutas específicas com a luta política mais geral encaminhada pelo movimento sindical que encontramos esse caminho. Lula e tantos outros que estão aqui nesta sala, que estão ocupando espaço, surgem daí. Lembro-me do governador Jaques Wagner numa assembleia em 1979. Foi a primeira vez que tive contato com ele, no Retiro, dirigindo uma grande assembleia dos petroquímicos, já com aquele jeito que preserva ainda hoje.

O movimento sindical, a luta sindical apontou caminhos, possibilidades para a construção de um novo espaço com a participação popular e democrática no nosso País. E os metalúrgicos estiveram sempre nessa batalha, sempre à frente dela. Lula é um metalúrgico, e, para os metalúrgicos da Bahia, foi essa a grande sinalização.

A primeira grande greve que mobilizou a Bahia e ganhou todas as manchetes dos jornais do nosso Estado, depois da retomada das lutas dos trabalhadores no Brasil, foi

a da Equipetrol, seguida pela da Mendes Junior e outras, feita pelos metalúrgicos. Era muito peão, muita gente na rua, muita vibração, era a constituição de jovens que acreditavam que aquela batalha resultaria em algo melhor para o nosso povo, os nossos trabalhadores. Lutávamos por questões específicas, mas não era apenas por isso. O grito contra a ditadura militar, o FMI, o grito pela valorização do trabalho estavam presentes em todas essas batalhas.

Portanto, os metalúrgicos fazem parte dessa história, dessa trajetória, e tenho a felicidade de ter acompanhado cada um desses momentos, cada um desses dirigentes, cada uma dessa assembleias e ver que essa coisa se fortalece. E depois dessa longa trajetória, estamos aqui comemorando 90 anos da existência desse sindicato, com essa categoria mais sólida por necessidade, naturalmente, de se adaptar às novas circunstâncias. Os espaços democráticos que se abrem não significam diminuição das nossas tarefas, das nossas responsabilidades, dos nossos desafios. Ocupar esse espaço e jogar um papel mais relevante é o desafio principal deste momento, pois a existência do espaço não está por si só garantindo melhores condições de vida para os trabalhadores, o povo brasileiro. É uma oportunidade e um desafio para ocuparmos e jogar um papel mais relevante. Acho que é esse o desafio de hoje. Comemorar 90 anos de organização dos metalúrgicos da Bahia é reconhecer essa trajetória vitoriosa de luta e reconhecer que essa luta continua cada vez mais forte e mais densa. Cada vez somos chamados a jogar um papel desafiador, especialmente num momento como esse, da mesma forma que em 1979, 1980, 1981, 1982. O final da década de 70 e o início da década de 80 foi o abrir de caminhos e de possibilidades que resultaram na vitória de Lula e desse projeto que estamos com a responsabilidade de conduzir.

Hoje vivemos uma crise profunda do capitalismo, modelo que sonhamos superar e substituir. Como é que o superamos e substituímos? Que papel tem o movimento social? Que papel tem o movimento sindical? Qual o papel dos metalúrgicos da Bahia na construção deste caminho? Identificamos um horizonte, queremos uma sociedade igual, socialista, uma sociedade sem exploração, uma sociedade de homens e mulheres livres. É essa sociedade que queremos construir. É para lá que estamos buscando nos dirigir. Mas quais são os passos a serem dados? Quais os caminhos a precorrer? Os desafios são extraordinários e devemos estar a altura deles.

Neste momento de crise sempre se diz que ela vem junto com a oportunidade. Podemos ter a oportunidade de ter sindicatos mais sólidos, mais vibrantes, mais ativos, com mais gente participando. Sentimos que há um certo afastamento da base no dia a dia da vida dos sindicatos, mas recentemente começamos a ter sinais do aumento do número de sindicalizações no Brasil. Há uma reestruturação do movimento sindical, inclusive na cúpula, para o reconhecimento das centrais sindicais. Quais são os desafios postos para o futuro?

Portanto, eu não poderia deixar de vir aqui Álvaro para cumprimentar V.Ex^a pela iniciativa de realizar esta sessão, pela oportunidade de reconhecer esta história que é nossa e que cabe a nós valorizar e disseminar como coisa fundamental e importante. Fazemos parte da história do povo brasileiro e da história dos trabalhadores brasileiros. Somos responsáveis por conquistas e temos que dizer isso para que seja ouvido e reconhecido. Se não fizermos outros não o farão. Estou aqui para dizer também que não podia deixar de vir aqui dar esse testemunho de confiança. Os próximos anos serão

muito melhores, que tenhamos muito mais liberdade e democracia. Saberemos aproveitar esses espaços conquistados por nós, não foram dádivas de ninguém. Fomos nós trabalhadores na nossa luta que conquistamos e saberemos ampliar cada vez mais esses espaços rumo a uma sociedade mais justa e mais livre.

Parabéns metalúrgicos! Parabéns deputado Álvaro Gomes! (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- No que pese o adiantado da hora, quero sugerir a franquia da palavra para que as pessoas do Plenário, presidentes de sindicatos, as lideranças que estão aqui presentes possam fazer uso da palavra para uma pequena saudação. Sugestão: 3 minutos, que a Mesa abra esse espaço para o Plenário.

O Sr. ROQUE ASSUNÇÃO:- Eu gostaria de fazer uma saudação, deputado Álvaro!

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra o companheiro Roque Assunção, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, é o primeiro a fazer a saudação.

O Sr. ROQUE ASSUNÇÃO:- Bom-dia, companheiros e companheiras do Plenário e a Mesa que está dirigindo este trabalho, companheiro Álvaro. Aqui eu falo como metalúrgico que ainda sou, recém-vitorioso de uma luta contra as multinacionais. Depois de ser perseguido politicamente, consegui uma vitória e volto a ser metalúrgico de fato e de direito como fui desde a retomada, sem querer entrar na direção do sindicato, não é, Sodré? Quando ganhamos, a Justiça disse que não ia dar a vitória aos companheiros naquela época, eram da chapa e recuaram. Eu disse: não recua ninguém! Fomos para cima, quebramos no pau e pulei em cima do carro do Secretário Geral dos Sindicatos da época, e isso nos reforçou para tomar o sindicato. Aqui falo também em nome dos metalúrgicos nacionais, como vice-presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, que ainda sou, até 2010.

Dizer que este Sindicato tem uma história, que não pode ser escrita a partir de um pensamento, mas de todos aqueles que a construíram. Não podemos deixar de lembrar do velho Quequéu, Clemildes, companheiro que morreu quase na míngua; como foi João dos Passos, que tive o grande prazer de estar convivendo. Como a companheira, mulher que deve ser homenageada, Ana Guedes, que naquela época, antes dos companheiros da APML, que tinha Sodré, como principal dirigente, os companheiros das outras facções que formaram o PT, nós eu e ela, sorrateiramente, com poucas pessoas conseguimos ter o domínio e nos infiltrar e ter todo o mapa dos metalúrgicos e garantir aquela eleição. (Palmas)

Era esse trabalho que fazíamos. Lembro do companheiro Ismael quando andávamos com a sandália rota, com um pedaço de pão dentro de uma sacola de couro, não é Sodré? Isto eu escrevo nos meus poemas, nos meus contos e estou escrevendo no meu próximo livro, quando fiz, Jorge está aqui, fomos os primeiros trabalhadores da Bahia e do Brasil, oxalá, a levantar a bandeira pela luta da saúde. Foi o primeiro sindicato a trazer o departamento intersindical de saúde e ambiente de trabalho, e lá fundar . Foi o Sindicato que trouxe o DIEESE.

Então, este Sindicato tem uma história, não é de um nem de outro. É uma história coletiva. Uma história que foi levantada na bandeira, na luta daqueles que foram

torturados, perseguidos, tomando porrada como Beth, irmã de Benjamim, como a nossa Rainalva, a nossa Laura, a nossa metalúrgica que era uma disputa entre PT e PCdoB, para ver de quem era o voto dela, Selma. São mulheres, coisas que fazíamos, tinha um congresso dos metalúrgicos, era eu e Roquenaldo. Eu já dizia: Sodré, vamos ganhar, porque fulano, todos, porque eu conhecia, ia na casa de cada companheiro. É assim que tem que ser. Retomar o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, CETIM, porque foi assim, não é Itamar, que construímos a luta dos metalúrgicos da Bahia, a luta dos metalúrgicos do Brasil que teve a grande maestria de levantar a bandeira contra o racismo, em fazer com que a luta contra o racismo fosse uma marca que até hoje vem predominando na luta social.

E que agora, no meu encerramento, nesta minha intervenção, já partimos para uma grande guerra, que foi desmascarar o espaço de um dos poderes no País que é o STF quando o homem negro, herói brasileiro, Joaquim Barbosa, (palmas), teve a ousadia de dizer: “ Gilmar Mendes, você não está falando com seus capangas”. Você está falando com um homem, com um jurista, com aquele que veio lá das Minas Gerais, como você, mas veio das Minas Gerais pobre, negra e que está ocupando espaço na sociedade brasileira por um Brasil justo de justiça social, de igualdade, sem preconceito, com democracia.

E por fim, Daniel, quero aqui chamar sua atenção: espero que você com seu mandato possa resgatar o direito dos trabalhadores, a aposentadoria especial daqueles que ainda são dirigentes sindicais e que foi retirado esse direito, através do Sr. FHC e que ainda é uma dívida do companheiro Lula, porque não podem os dirigentes sindicais ser perseguidos duplamente e por isso não renovamos as direções sindicais com mais homens e mais mulheres destemidos, porque está faltando esse apoio, esse reconhecimento e a luta, também, pela anistia daqueles que ainda não conseguiram ser reintegrados que não fiquem calados, como se tentaram deixar.

Era isso. Muito obrigado pelos 90 anos que estamos comemorando. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Ouviremos agora Ivonete, por três minutos, dirigente da Federação das Associações de Bairros de Salvador, FABES e ex-metalúrgica.

A Sr^a IVONETE BISPO:-Boa tarde a todas e a todos, estou um pouco rouca mas não poderia deixar de fazer uma saudação aqui para a Mesa no nome do deputado Álvaro Gomes por essa brilhante sessão pelos 90 anos dos Metalúrgicos, que foi o primeiro sindicato que me filiei, hoje não milito mais em sindicato, sou do movimento social comunitário, mas estou muito feliz em ver meus companheiros aqui, meus amigos da antiga e que gosto muito e que tenho grande carinho por esse sindicato, porque foi o primeiro sindicato em que fiz uma militância, uma pequena militância.

Então, vim aqui só para fazer uma saudação a Mesa em nome de todas as personalidades que estão aqui: do deputado Álvaro Gomes e Daniel Almeida, Pascoal e todos que conheço já há muito tempo, Adilson da CTB, meus grandes amigos e não poderia deixar de fazer essa saudação maravilhosa pelos 90 anos do Sindicato dos Metalúrgicos.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Temos aqui, ainda, Itamar, Hélio, Alberto, Chico e Patrícia, encerrada aqui as intervenções e eu pediria aos oradores que fossem objetivos como Ivonete, utilizando rigorosamente os três minutos ou menos, como Ivonete utilizou.

O Sr. ITAMAR SILVEIRA:- Bom dia companheiros e companheiras, companheiros da Mesa, eu estava segurando porque sei do tempo e tudo, e também fiquei muito emocionado, principalmente com a colocação do nosso amigo Sodrê, e quando eu estou muito emocionado eu perco, realmente, a linha, e é muito difícil falar, como vocês sabem.

Não poderia deixar aqui de, também, fazer uso da palavra para saudar essa história de luta do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, que eu fiz parte, com todo orgulho, e foi realmente uma coisa que quem conviveu sabe, como Sodrê colocou aqui de forma muito especial, o que significou essa luta e a grande maioria dos companheiros que estão aqui presentes conhecem e sabem o que é participar de uma luta dessa.

E, como foi colocado aqui claramente, o que eu acho é que resgatar uma história de luta dessa, companheiro Álvaro, agradeço muito, como todos aqui, a você por essa oportunidade, porque resgatar uma luta dessa significa resgatar a luta do povo brasileiro, a luta de um povo que nunca baixou a cabeça, mesmo diante de todas as perseguições que sofreu durante toda a sua história, desde a descoberta deste País, desde que os nossos nativos, os índios, foram colocados aqui como essa coisa de nativos pelos colonizadores e que hoje nós ainda continuamos colonizados.

O País enfrentou, durante toda a sua história, poucos períodos como este que estamos vivendo de democracia, então, toda a história e trajetória do povo brasileiro foi de luta. Eu participei e digo para vocês com muita tranquilidade que continuo participando da luta do povo brasileiro, fui sindicalista e trabalhador durante muitos anos e hoje posso dizer com muita tranquilidade que eu sou empresário dessa área metalúrgica, mas com uma visão totalmente diferente, aliás não é totalmente. - Uma vez um colega nosso me falou que eu era um empresário diferente e eu lhe disse que eu não era diferente, os outros é que são diferentes.

Pasmem! Quem quiser pode ver hoje na revista da Federação das Indústrias deste mês uma reportagem de um antropólogo, historiador americano, dizendo que o capitalismo é insustentável do ponto de vista da continuidade da evolução da vida no Planeta Terra. Está na revista da Federação das Indústrias. Imaginem um negócio desse!

Então, diante desta crise que estamos vivendo, fica claro para quem é estudioso, para quem não é, para quem é teórico, para quem está aprendendo, para quem nunca estudou que esse sistema capitalista da exploração do homem pelo homem é inviável para a humanidade. A humanidade não vai alcançar felicidade nesse sistema de injustiça que todos colocaram aqui. Como disse o deputado Daniel Almeida, é uma grande oportunidade para todos repensarem, para toda a humanidade, nesta crise que estamos vivendo, repensar esse sistema injusto que não leva à felicidade da existência humana.

Era esse o testemunho que eu queria dar, porque, como empresário, eu não tenho ilusão que nesse sistema vamos construir a conciliação entre o capital e o trabalho, não tenho essa ilusão. Acredito que este é o momento de se aproveitar essa oportunidade para repensar uma forma justa de convivência social. Eu não tenho dúvida de que essa forma é o socialismo.

Era isso que eu queria colocar. (Palmas)

(Sem revisão do orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra Hélio Soares.

O Sr. HÉLIO SOARES:- Bom-dia, companheiros e companheiras, quero saudar toda a Mesa em nome do deputado Álvaro Gomes, proponente desta sessão.

Quero dizer a todos que a história dos metalúrgicos da Bahia já foi contada aqui com muitos detalhes levantados, também apresentados por Álvaro e complementados pelo Sodré. Eu apenas vou tentar lembrar mais alguns momentos importantes da nossa participação da vida como cidadão, mas participando, efetivamente, da luta na organização dos trabalhadores metalúrgicos.

Aqui entre nós, todos sabemos que não existe nem um nem outro que fez, fará ou faz mais do que outros. Esta é a compreensão que temos que ter como representantes dos trabalhadores, como representantes de uma classe, e somos apenas uma peça desta classe. Devemos, sim, render homenagens à categoria metalúrgica como um todo. Esta é uma categoria que sempre fez valer a sua vontade, se escudando nas lideranças sindicais. Acredito que essa é uma questão muito importante que precisa ser ressaltada.

E eu, Sodré, apenas no saudosismo da nossa militância sindical, quero recorrer a novembro de 1982, na greve geral nacional. Nós, direção do Sindicato, nos reunimos naquela nossa sede e lá decidimos que iríamos contribuir com o povo brasileiro. Dissemos que iríamos fazer a greve geral na Bahia, e lá estavam os metalúrgicos na linha de frente.

Eu me recordo e quero dizer, como exemplo, eu tinha um Corcel 2, 1983, naquela época, e o meu carro foi o grande responsável para travar a BR 324. Quando chegamos e travamos a BR 324 e começamos a furar os pneus dos ônibus, a polícia pegou meu carro e o jogou no despenhadeiro. Esse foi o grande conforto que tive. Depois disso, eu e Genildo fomos presos, mas diplomaticamente conseguimos ser liberados.

A polícia nos pegou e levou-nos para os fundos da Usiba, no local conhecido como desova, e eu disse: – É agora. Mas a verdade é que tivemos habilidade política e conseguimos que nos trouxessem de volta. Não conseguimos libertar o companheiro Salvador, do Sindiquímica, e o companheiro Edvaldo, ex-metalúrgico; não conseguiram ser liberados.

Mas a verdade é que tivemos esse momento na nossa passagem. Hoje estamos tendo uma sessão especial.

O aniversário dos metalúrgicos da Bahia, da fundação desse sindicato, acontecerá na próxima quinta-feira dia 30. Quero aproveitar para convidar todos vocês para esse evento que acontecerá no Hotel Fiesta, a partir das 19 horas, onde lá estaremos dando posse à direção do Stim Bahia e à nova direção da Federação dos Metalúrgicos.

É importante que, nesse momento, todos vocês sejam convidados e façam um

esforço para participarem desse evento que acontecerá no próximo dia 30, quinta-feira, às 19 horas.

Um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Vamos ouvir agora Alberto, que é o próximo orador, e depois ouviremos Francisco.

O Sr. ALBERTO:- Em primeiro lugar, desejo um bom dia a toda a Mesa aqui presente, na pessoa do deputado Álvaro Gomes, aos meus companheiros e companheiras, verdadeiros camaradas de luta do Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari e do Sindicato dos Metalúrgicos de toda a região da Bahia.

Na verdade, vim aqui para falar uma pouco, até por conta do próprio tempo, dessa satisfação que é estar presente nesta Casa e dizer que me sinto como elo de uma corrente, e o que é o elo de uma corrente? É a reunião de forças por estarmos juntos, e dizem que quando estamos juntos temos mais poder e no embate sempre estamos vencendo.

Senti a falta do meu grande companheiro e líder que é Laurindo Pedreira, ele não se encontra, mas quero saudá-lo e dizer para os camaradas que lutas virão, outros momentos acontecerão, mas uma coisa é certa: levantem a cabeça e pensem que eles construíram um pouco da história. Nós estamos construindo, ajudando a construir essa história nesse momento. E que, no futuro, nossos filhos, nossos netos, bisnetos, se herdarem esse sangue que corre nessas veias farão também parte dessa história.

Muito obrigado a todos vocês e felicidades para o nosso PCdoB e todos os metalúrgicos da Bahia e do Brasil. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Bom, vamos ouvir agora o Chico, próximo orador, e Patrícia, a última oradora que temos aqui.

Então, com a palavra, Francisco. Antes, queria registrar a presença do prefeito de Campo Alegre de Lourdes, Alessandro, numa sessão especial dos 90 anos dos metalúrgicos, e também se o senhor prefeito quiser fazer uso da palavra está liberado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra Chico, ou Francisco.

O Sr. FRANCISCO JOSÉ SILVA:- Boa tarde a todos e a todas, em primeiro lugar, agradecer ao deputado Álvaro Gomes e ao seu mandato pela oportunidade, parabenizar a categoria metalúrgica por esses 90 anos. É difícil se falar depois de tudo que ouvimos sobre a história dessa entidade, mas não poderia perder a oportunidade de dar esses parabéns, principalmente aos companheiros e companheiras que por algum motivo não puderam, ou não podem, estar presentes nesta sessão especial, até porque estão lá dentro da fábrica, no seu labor do dia-a-dia, construindo a luta dos trabalhadores e trabalhadoras metalúrgicas do Estado da Bahia.

Quando o companheiro Roque falou aqui sobre a questão da saúde do trabalhador, ele colocou uma situação de uma geração de companheiros e companheiras que lutaram e lutam pela saúde... (pausa) e que deixaram um legado que os metalúrgicos da Bahia têm buscado dar continuidade. Estamos no Século XXI. Necessariamente, parte dessa história dos metalúrgicos foi contada aqui, faz parte de

um passado que mudou a história do Brasil e do povo brasileiro. Gostaria de nunca mais ouvir algumas das situações que ouvimos aqui em relação à luta dos trabalhadores pelo seu direito de trabalhar, pelo seu direito à saúde. Esperamos que essa geração de companheiros e companheiras que abraçam essa causa e que continuam essa luta incessante dos metalúrgicos da Bahia sirva de exemplo para que num futuro próximo essa história, parte dela foi contada aqui, nunca mais se repita. A partir desse novo momento em que vive o povo brasileiro, em que o trabalhador brasileiro passa a ter uma nova expectativa, a esperança de vida, necessariamente seja pautada por outras lutas, outras conquistas e outras vitórias. A saúde dos trabalhadores é uma bandeira que o sindicato continua e vai continuar a ter sob sua responsabilidade.

Estamos muito tranquilos para falar sobre isso. Hoje, para nossa felicidade, os metalúrgicos da Bahia representam nas suas determinadas cidades e regiões os trabalhadores da indústria nos diversos conselhos de saúde, dentro do próprio Conselho Estadual de Saúde. Os metalúrgicos da Bahia hoje, dentro de Salvador, têm a responsabilidade de dirigir o Centro de Referência de Saúde do Trabalhador de Salvador, recentemente habilitado pelo Ministério da Saúde. Então, o que gostaríamos de deixar aqui é que, se uma geração passou e o passado dessa geração hoje é homenageado e presenteado com esta sessão, que a próxima geração de companheiros e companheiras faça valer essa história e que dê prosseguimento a essa linda luta. Muito obrigado e parabéns aos metalúrgicos e metalúrgicas. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra Patrícia, diretora do Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari. Este Sindicato representa os trabalhadores metalúrgicos da cidade, inclusive os trabalhadores metalúrgicos da Ford.

A Sr^a PATRÍCIA:- Bom dia a todos. A história aqui foi bem colocada. Então, a minha fala vai direto para as novas direções que estão assumindo. A linhagem, camaradas, vimos que é de nova estirpe. A linhagem que daqui para frente nós, da nova direção, na qual me incluo, vamos dar prosseguimento é uma linhagem de nova estirpe e a qual não podemos deixar decair.

Então, a responsabilidade para nós, dessa geração em prosseguimento, dessa linhagem, camarada Claudenice, é alta. Porque, camarada, nós temos muitos companheiros que não estão mais em nosso seio, mas ainda estamos de braços dados com camaradas que fizeram a história, como o nosso presidente Aurino Pedreira, que hoje não pôde estar aqui, mas está na história, está caminhando; como o camarada Pascoal que ainda está de braços dados conosco na luta, como o camarada Hélio que está aqui no dia-a-dia com a sua grande paciência ajudando aos mais jovens como nós, não é camarada Hélio? dando conselhos no momento correto, e como todos os camaradas que não dá para citar aqui agora, mas que fizeram a história e que continuam a fazer a história e nos ajudando a caminhar com a história.

Então faço o convite para cerrarmos os dentes, como diria o saudoso Milton Santos, que ranjamos os dentes, camaradas, de raiva, arregacemos as mangas e partamos para continuar a história que foi construída lá atrás e continua a ser construída hoje. Porque, camaradas, esse sindicato é um sindicato de lutas.

E hoje, parafraseando, para encerrar, um poema que eu acabei de ler, em cada

favela há um pouco de senzala, em cada camburão há um pouco de navio negreiro, mas no nosso sindicato há muito de quilombo como foco de resistência, de transformação e como foco de construção da história. Então sejamos um braseiro nesse quilombo. Sejamos um braseiro para manter acesa a chama de todos aqueles que estavam, estão e continuarão conosco com seus conselhos, com os seus cabelos brancos, ou ainda na luta mesmo com as suas bengalas.

Sejamos direção nova, porém atuante, continuada.

Fica o convite para todos nós para que não desencorajemos. Sejamos encorajadores, porque a linhagem, camaradas, é dura. Então sejamos, sim, um pouco de quilombo a fazer, a dar continuidade à história tão bonita que foi contada aqui.

Axé a todos, porque esta é terra do Dois de Julho. Aqui sempre houve e sempre haverá o princípio, o gene, das revoluções deste País. E isto está contado pelos camaradas que são da linhagem daqueles que fizeram o Dois de Julho. Peguemos essa linhagem e a levemos como pira olímpica, conduzindo-a e passando-a para gerações futuras.

Bem vindos todos nós que estamos começando. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- A Assembleia Legislativa se sente honrada em receber os metalúrgicos, categoria que tem uma história muito bonita que se confunde com a própria história do Brasil.

Esta Casa se sente mais fortalecida com a presença dos operários. Esta foi uma sessão especial muito rica com os diversos depoimentos, com depoimentos emocionados como os de Sodré, de Chico, de Itamar, e se sente muito enriquecida com essa contribuição histórica dos metalúrgicos.

Portanto eu queria agradecer a presença de todos e, em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, declarar encerrada a presente sessão especial. (Palmas)

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*